

## ADIEU PHILIPPINE / 1963

um filme de Jacques Rozier

**Realização:** Jacques Rozier / **Argumento:** Jacques Rozier e Michèle O'Glor / **Fotografia:** René Mathelin / **Música:** Jacques Denjean, Maxime Saury e Paul Mattei / **Montagem:** Monique Bonnot / **Interpretação:** Yveline Céry (Liliane), Stefania Sabatini (Juliete), Jean-Claude Aimini (Michel), Vittorio Caprioli (Pachella), Daniel Descampe (Daniel), Michel Soyer (André), Maurice Garrel (o pai), Arlette Gilbert (a mãe), etc.

**Produção:** Unitec France - Alpha - Productions - Euro-International Films - Rome - Paris - Films / Georges de Beauregard / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em inglês e com legendas em eletrónicas em português, 110 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 14 de Novembro de 1963 / Inédito comercialmente em Portugal. Apresentado pela primeira vez em Portugal, na Fundação Calouste Gulbenkian, a 11 de Maio de 1979.

---

Em 1958, estrearam-se no Festival de Tours (festival de curtas-metragens) dois filmes e dois autores que a *Nouvelle Vague* imediatamente incorporou. Um, foi Jacques Demy com **Le Bel Indifférent** (que Cocteau introduziu, em comentário inserido no filme, em que fazia o elogio deste); o outro, Jacques Rozier, com **Blue Jeans**.

Rozier, mais velho que quase todos os realizadores que então começavam (tinha 32 anos), entrou imediatamente nas "melhores graças". Truffaut, Godard e outros incitaram-no a passar à longa-metragem. Um ano depois, Rozier escreveu a primeira versão do argumento do filme que vamos ver, então chamado **Les Dernières Vacances**. Se em **Blue Jeans**, segundo alguns críticos, antecipara **Les 400 Coups**, neste argumento antecipou **Le Petit Soldat** de Godard, ousando tocar no tema então tabu da guerra da Argélia.

As dificuldades foram tantas que desistiu, até que Godard o apresentou ao produtor Georges de Beauregard (que produziu a maior parte dos filmes iniciais da *Nouvelle Vague*) e este o convidou a fazer um filme. Nem um nem outro sabiam no que se metiam: as filmagens começaram em 1960, o filme ficou pronto em 1962 e só se estreou em 63. Durante esse período, Rozier gastou 40.000 metros de película (10.000 metros gastara Godard em **À Bout de Souffle**), gastou 90 milhões de francos (a **Lola** de Demy custara 40) e teve que refazer várias vezes a banda sonora, pois o som (directo) das primeiras cópias era inaudível.

Beauregard chamou-lhe incompetente e acabou por vender o filme a outros distribuidores ("*não se pode fazer filmes desinteressando-se totalmente dos aspectos materiais*"), o próprio Godard, não exactamente um conformista, disse-lhe "*Tu travailles comme Stroheim, tu exagères...*", e concordava que "*quando se assina um contrato há que o respeitar*".

Rozier acusou tudo e toda a gente mas levou a sua avante, inclusive a batalha final contra os distribuidores (em 62 e 63) que lhe queriam cortar 10 minutos. No fim do "dossier Philippine", afirmou que daí em diante só trabalharia em total liberdade. Resultado: para além de alguns documentários para a televisão, só em 1971 realizou a segunda longa-metragem (**Du Coté d'Orouet**) e, depois dela e até hoje, só acrescentou mais três títulos à sua insólita carreira: **Les Naufragés de l'Île de la Tortue** (1976), o sublime **Maine Océan** (1985) e o discutido **Fifi Martingale** (2001). **Adieu Philippine**, filme apaixonadamente defendido e apaixonadamente atacado, foi, assim, o início premonitório de uma carreira "maldita" e de uma carreira "marginal".

Obra filmada com várias câmaras simultâneas, inteiramente improvisada no decurso das filmagens, sem qualquer diálogo nem *découpage* prévios, "correndo ao sabor das circunstâncias da rodagem e do humor dos intérpretes" (todos não profissionais e ilustres desconhecidos), montado a *trouxe-mouxe*, **Adieu Philippine** é um dos filmes mais livres que a famosa "vaga" nos deu. É também o que mais próximo estará do tão invocado Jean Vigo, admiração maior de Rozier e de quem o realizador herdou a amargura, o sentido do efémero e o mesmo ambíguo "trocar de passo" com o realismo, de que o filme sempre se aproxima e de que sempre se afasta.

Antecipando a construção triangular do **Jules et Jim** (só que neste caso com duas mulheres e um homem), Rozier, por Paris, pela Côte d'Azur e pela Córsega, foi capaz de percorrer uma gama de registos surpreendentes, desde o *fait-divers* à guerra e suas consequências na vida quotidiana, à nova moral, suas armadilhas e atractivos, à morte, presença maior (embora jamais explicitada) que se abate sobre quem começou brincando (o "*bonjour philippine*" das duas amigas) e acaba por descobrir coisas terríveis e terrivelmente sérias. O *bonjour* acaba no *adieu*, e a despedida final traz a cerração das grandes possibilidades impossíveis.

Só que esta meditação sobre a morte e a destruição, sobre a "estupidez humana" impedindo a relação-revelação, nunca acentua tais temas, nunca no-los "atira à cara" (como até nos melhores exemplos análogos sucede) mas avança sempre por insinuações, por elipses, por um breve plano, um enquadramento, uma nota de música, um pormenor de *décor* natural. Tudo neste filme vai significando, sem apoio nos significados, construindo uma ameaça tão mais difícil de localizar quanto nada explicitamente a aponta e tudo explicitamente a parece contrariar.

Diz-se em **Adieu Philippine** que o cinema é um "*trabalho demasiado perigoso*" pelos fantasmas que faz surgir. Diz-se "*como quem não quer a coisa*", como quase tudo nesta obra insólita. Mas poucas vezes a consciência desse perigo se infiltrou mais num filme - e nos filmes dentro do filme em que este se divide - a ponto de tudo nesta "desenvolta" história de três (e dos dois ou duas em que também se divide) surgir "minado" de dentro pela força dum olhar que vai retendo, até ao limite, a sua própria tensão.

**Adieu Philippine** pode ser visto com distração e desenvoltura igual à que aparentemente Rozier teve. Mas quem reparar bem em tudo (desde um jantar de família até aos *takes* da TV, desde os planos das duas protagonistas na cama até aos jogos e trocadilhos da casa de banho das boites, desde as vespas aos salmões, desde os lagos ao mar, desde os encontros e reencontros às festas ao crepúsculo (etc., etc.) terá muitas razões para pensar, como escreveu um poeta português (Carlos Queiroz) que "*faz frio pensar na vida*".

A ordem de mistério e de ruptura nesta obra ímpar é aliás semelhante ao que esse poema diz. Por isso, transcrevo para terminar, o texto todo: "*Cantam ao longe. Anoitece / Faz frio pensar na vida / E a natureza parece / Dizer, em voz comovida / Que o Homem não a merece*".

Pode ser que seja muito simples. Pode ser que não seja.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

**Nota:** Folha escrita em 1994 e revista pelo autor em 2008